



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

A DIALÉTICA DA REPRESENTATIVIDADE: UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA DAS RINHA DE GALOS ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA

Misael Costa Corrêa*

RESUMO: Este trabalho tem como sua principal finalidade à abordagem de um tema muito delicado e pouco compreendido pela maioria das pessoas; trata-se das rinhas de galos, ou brigas de galos, uma das práticas culturais mais antigas e ainda existente e ativa em grande parte do mundo contemporâneo. Não obstante, o que aqui se pretende é uma abordagem relativizadora, sem entrar no mérito da sua legalidade ou não. Mas sim, observar, através do uso da imagem, como ela foi percebida em algumas diferentes épocas e culturas, e assim, observar, na medida do possível, que tipo de representações essa prática pode oferecer no âmbito do estudo historiográfico.

“Eis que estes [galos] não lutam pelos seus deuses domésticos, pelos monumentos de seus antepassados, por glória, por liberdade ou para salvar seus filhos, mas somente por que um não dará passagem para o outro”.¹

As brigas de galos ou rinhas de galos, atividade considerada ilícita no Brasil e em vários outros países, remonta a tempos históricos bastante distintos do nosso, e torna-se difícil mensurar a partir de quando o homem passou a praticá-la, no entanto, algumas marcas dessa história foram deixadas desde a antiguidade até os dias mais atuais.

* Mestrando em História – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista CAPES. misaelcorrea@yahoo.com.br

¹ Themistocles, o poderoso general ateniense. Enquanto preparavam-se para a batalha contra os persas, suas tropas testemunharam dois galos lutando ao lado da estrada. Themistocles tomou esta ocasião para explicar aos seus soldados: "Behold, these do not fight for their household gods, for their monuments of their ancestors, for glory, for liberty, or the safety of their children, but only because the one will not give way to the other." (SCOTT, 2009, p.102).

Dessa maneira, através da escolha de algumas imagens que fazem referência as brigas de galos, observaremos algumas representações que esta atividade, representações estas muito distintas das atuais concepções que são tidas as brigas de galos: como atividade de maus-tratos, brutalidade ou incivilidade. Assim, esse objetos, apesar de não estarem submetidos a uma série analítica produzida por um mesmo autor ou num mesmo período, como sugere Maud (2004, p.19), estão agrupadas num mesmo tema, podendo, neste sentido, dar mostras sobre outras visões de mundo, percepções e sensibilidades sobre uma mesma atividade que vem mudando de conceitos e sendo marcada por uma negatividade.

...

Muito antes de Themistocles marchar contra os persas no século V a.C., os galos de briga eram bastante conhecidos dos povos que habitavam o velho mundo, sobretudo na Ásia. (Elias, 1978, p.13). Muito provavelmente o combate de galos em seu habitat natural deve ter corrido, em outros tempos históricos, com bastante frequência, logo o homem, no período de domesticação de animais e plantas, deve ter se interessado por estes contedores por demais belicosos, e que em parte, serviam como analogias para muitas práticas culturais de alguns desses povos, como, por exemplo, o costume da guerra. “É antiga essa tendência em buscar em cada espécie alguma qualidade humana socialmente relevante, pois os homens sempre examinam os animais em busca de categorias com as quais descrevem a si mesmos.” (Thomas, 1998, p.77). Não é por menos a sua adoração pelos antigos sírios, e a relação que os gregos e romanos faziam com os seus deuses, como indica George Ryley Scott:

Escritores e historiadores dos mais antigos relatam-nos que ele (o galo de briga) serviu para muitos rituais religiosos. Por exemplo, Diodoros Siculos afirma que os antigos sírios adoravam o galo de briga como uma de suas principais divindades. Do mesmo modo agiam os antigos gregos segundo Athenaeus e Dioscorides, o galo de briga foi dedicado a Apolo, Mercúrio e Marte. Em Bornéu, segundo Magellan, era proibido comer

sua carne por se tratar de animal sagrado.(2009, p.97)²

Segundo as mais diversas fontes sobre a história da briga de galos, ela teria surgido na Ásia com a domesticação dos galináceos, sobretudo na China e Índia, e difundida no Oriente Próximo pelos Persas. A partir dessa região, os galos combatentes foram introduzidos na Europa por fenícios, gregos e romanos, cabendo a estes últimos a disseminação por todo seu Império e até mesmo além de suas fronteiras. Na Bretanha, consta que César, quando partiu a sua conquista, lá encontrou inúmeras criações de galos de briga, onde há muito tempo já constituíam um velho passatempo entre os habitantes.³

A escolha das imagens aqui selecionadas, traduzem um tempo histórico distante do tempo desta escrita. Portanto, é necessário enfatizar que ao realizar uma análise de imagens, consideramos não apenas a realidade de sua produção, impregnamos nesta análise, outras realidades ocorridas neste transcorrer do tempo (Paiva, 2002, p. 19). Para Manguel,

Com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que

² Writings of ancient historians, that he was a subject for religious reverence. The Ancient Syrians, says Diodorus Siculus, worshipped the fighting-cock as one of their principal deities. So, too, say Athenaeus and Dioscorides, did the Ancient Greeks. He was dedicated to Apollo, Mercury and Mars. In Borneo, according to Magellan, the eating of the flesh of the Gamecock was prohibited on the ground that the bird was sacred. Tradução de Francisco Elias. ELIAS, Francisco, 1978, p.20. No original: (SCOTT, 2009, p.97).

³ Many writers are of opinion that the Romans introduced the sport into Britain. Others assert with equal confidence that it was already existent at the time of the Roman Conquest, pointing out the statement of Julius Caesar to the effect that the ancient Britons bred fowls for pleasure and diversion rather than food. At any rate it is probable that the Romans were responsible for the introduction of artificial spurs and the first form of organised cockfighting. (SCOTT, 2009, p.104).

vemos mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la. (2001, p. 25)

Para Martine Joly a análise de uma imagem está sempre vinculada a um projeto, e nunca de forma isolada (2007, p. 42). Para a referida autora, os sentidos extraídos de uma imagem, ainda estão relacionados as percepções pessoais do receptor que a analisa, e encontram-se em consonância com a metodologia por ele estabelecida. O autor de uma obra, produz de forma consciente e inconsciente determinadas significações, e torna-se o papel daquele que a analisa, interpretá-la de acordo com seus objetivos ou objetivos coletivos.(Joly, 2007, p. 44). Sendo assim,

o que queremos dizer com isso é que, para analisar uma mensagem, em primeiro lugar devemos nos colocar deliberadamente do lado em que estamos, ou seja, do lado da recepção, o que, é claro, não nos livra da necessidade de estudar o histórico dessa mensagem (tanto de seu surgimento quanto de sua recepção), mas ainda é preciso evitar proibir-se de compreender, devido a critérios de avaliação ou menos perigosos. (Joly, 2007, p. 45)



Figura 3 - The Cock. A man courts a youth with the gift of a fighting cock. Ashmolean Museum, Oxford, Inglaterra. Disponível em: www.gay-art-history.org Acesso em: 28 abr. 2009, 17:20:00.

São várias as referências sobre as brigas de galos na antiguidade, e o que elas tem em comum são o enaltecimento da masculinidade, da virilidade e da bravura. Na figura acima, uma imagem da antiguidade em cerâmica, remete a prática do homossexualismo entre os gregos antigos. É sabido que entre eles, diferentemente das concepções modernas sobre a pederastia, a homossexualidade não era uma prática que feminizava o homem, pelo contrário, enaltecia sua masculinidade. Na ocasião, um homem da corte presenteia um jovem com um galo de briga, sendo que, essa prática homossexual era muito frequente entre jovens e homens mais velhos. Sendo que o homem mais velho, na imagem é possível de perceber através do uso da bengala, das longas barbas e das costas curvadas, diferentemente do jovem, esguio, sem barbas e bengala.

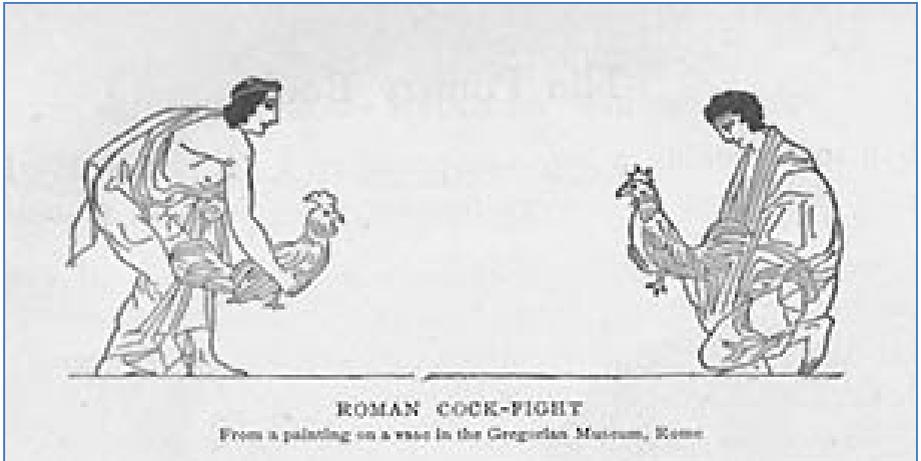


Figura 4 - Rinha de galos romana há aproximadamente 2000 anos atrás.

Fonte: The Poultry Book. ULLAH, Nadem. History of Aseel. Gujrat, Paquistão. Disponível em: <<http://www.aseellovers.20m.com>> Acesso em: 22 jan. 2009, 23:12:55.



Figura 5 - The Cockfight Mosaic. Disponível em: <www.trekearth.com>

Acesso em: 10 jun. 2009, 14:50:00

Aqui temos duas imagens romanas, a primeira delas é uma pintura em vaso e esta alojada no Museu gregoriano de Roma, e pelas vestes parece representar dois patrícios, conferindo à briga de galos um status de prática aristocrática. Já a segunda é um mosaico descoberto em uma das ruínas de uma casa em Pompeia, a Casa do Labirinto. Este mosaico, provavelmente data de cerca do primeiro século depois de Cristo, o que significa que era relativamente novo, quando abrangidos pela erupção vulcânica. A casa foi escavada em 1830 e agora o mosaico esta alojado no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. O mosaico foi construído a partir de milhares de tésseas feita a partir de vários tipos de pedra; as tésseas foram cuidadosamente cortadas em formato quadrado e padronizadas em termos de cor e textura de modo que os indivíduos poderiam ser retratados como mais realista possível. Algumas tésseas são incrivelmente pequenas, medindo apenas alguns milímetros, o que permitiu mestres artesãos para capturar detalhes impressionantes, como pode ser visto na imagem. Muitos mosaicos são, de fato, imitações de pinturas (o exemplo mais notável é o requintado mosaico de Alexander, também em exibição no Museu Nacional de Arqueologia, que provavelmente era uma pintura em uma parede grega). (trekearth.com)

Em termos do tema deste mosaico – a briga de galos – era um esporte popular tanto na antiga Grécia como na antiga Roma; os italianos, provavelmente a herdaram dos gregos e dos etruscos. De acordo com um estudioso, os galos eram cuidadosamente treinados para suas lutas e eram alimentados com a cebola e alho para fortalecê-los. Como nas rinhas modernas, as esporas de metal eram frequentemente presos às suas esporas naturais. Pode haver algum significado religioso neste mosaico, como a varinha de Mercúrio pode ser visto na mesa atrás do duelo das aves e vai de encontro à citação de Scott, ao dizer que o galo de brigas era dedicado também ao deus Mercúrio.

Além disso, percebemos na imagem, que os dois galos estão numa posição de ataque um ao outro, enquanto o da esquerda está com a cauda mais elevada e a cabeça mais baixa existe o indício de que ele busca “morder” a parte inferior da cabeça do outro galo, de maneira tal que golpeie com as esporas no troco de seu adversário. Já o galo da direita, busca “morder” por cima da cabeça para golpear com as esporas no mesmo lugar.

...

No período medieval são poucos os relatos sobre as brigas de galos, podemos supor, entretanto, que nesse período a luta de galos deve ter sido uma diversão das mais comuns às mais diversas classes. Animais, como galinhas, deveriam estar por toda a parte, onde a maioria das pessoas se dedicava a subsistência. Por isso, não devia ser raro que nas horas livres algumas pessoas tomassem seus galos para fazer alguma disputa com outrem. Num mundo onde diversas percepções e sensibilidades se demonstravam diferentes, onde os objetos para entretenimento eram distintos dos que existem hoje, animais, pedras, paus e armas, tinham a obrigação que servir como divertimento.

Não é nenhuma novidade a utilização de animais para o divertimento. Tanto é que os antigos bretões consideravam errado comer lebres, galos e gansos, criaturas destinadas ao prazer e ao entretenimento (Thomas, 1998, p.65). Entretanto, é a partir da modernidade que encontramos as evidências mais concretas desse espetáculo, sobretudo na Inglaterra, onde as brigas de galo foram populares, pelo menos, desde o século XII (Ibidem, p.172).

Nos Estados Unidos foram grandes apreciadores das rinhas de galos os presidentes George Washington, Thomas Jefferson, Andrew Jackson e Abraham Lincoln. (Elias, 1978, p.20) Este último era conhecido como “Honest Abe”, não por suas qualidades políticas, mas por sua atuação como juiz em rinhas de galo. Conta-se também, que, por um voto o galo de briga deixou de ser o animal símbolo dos Estados Unidos, perdendo para o American Eagle. (Ullah, assellover.20m.com). Após a guerra civil, a cultura da rinha de galos foi perdendo espaço. (Elias, 1978, p.162). E hoje ela é proibida em todos os 50 estados,⁴ estando liberada em algumas possessões norte americanas, como Guam, Porto Rico e Ilhas Virgens Americanas. (fr.wikipedia.org)

⁴ O último estado americano a proibir foi a Louisiana, em agosto de 2008. Louisiana: Cockfighting Ban In '08. Publish: June 28, 2007. Disponível em <query.nytimes.com> Acesso 6 nov. 2011, 02:05:50

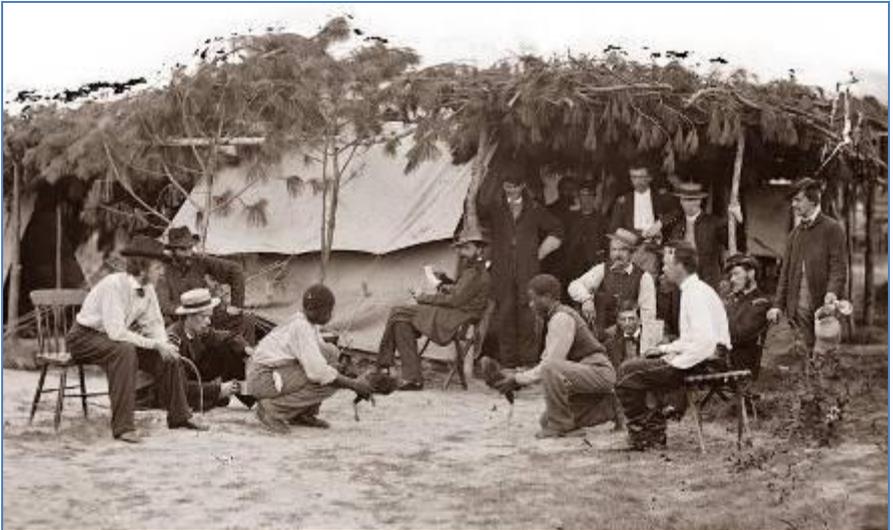


Figura 6 - Pelea de galos en la Guerra Civil americana. Espanha. Disponível em: <www.droblo.es> Acesso em: 28 fev. 2009, 15:15:00.

Dos Estados Unidos, temos como exemplo das brigas de galos a imagem acima, uma fotografia tirada em 1864 próximo a cidade de Petersburg, na Virgínia, durante a Guerra Civil Americana. A fotografia, o que parece ser um acampamento de guerra, além de indicar a briga de galos como uma prática masculina, deixa clara a posição social dos indivíduos: diferentemente da primeira gravura romana, quem põe os galos para brigar são dois homens subalternos, no caso dois afro-descendentes (provavelmente na condição de escravos), enquanto os brancos assistem ao espetáculo, em plena época de guerra, sem, literalmente, sujar suas mãos com o sangue.

Além disso, percebemos que um dos homens, ao centro da foto, mesmo olhando para o que estava acontecendo, está sentado de lado para a rinha e com um livro ou caderno na mão direita, o que indicaria certo desinteresse pelo que estava ocorrendo ou como se estivesse escrevendo ou relatando algo. Já os demais homens parecem estar virados para o que estava acontecendo.

Não obstante, as rinhas são possíveis de se encontrar também na França, onde em algumas partes do país a rinha de galos é legal, tendo

como fator legitimador a herança cultural, sobretudo na região norte, mais exatamente em Nord-Pas-de-Calais. Noutros países europeus também existem legislações específicas, como é o caso da Espanha, da Escócia, onde ainda é possível encontrar regiões onde a rinha de galos é liberada. Na Inglaterra, apesar de ser um país onde a prática foi recorrente, a rinha foi proibida completamente desde 1849. (Thomas, 1998, p.191).



Figura 7 – Le combat de coqs. Jean-Léon Gérôme. Disponível em:
<fr.wikipedia.org> Acesso em: 22 fev. 2009, 23:15:30.

Ainda sobre a França temos o destaque da obra neoclássica de Jean-Léon Gérôme, quando pintou a obra “Le combat de coq” (1846), um exercício acadêmico representando um jovem nu e uma moça seminua com dois galos de briga na sua frente e ao fundo representada a baía de Nápoles. Ele enviou esta pintura para o Salão de Paris de 1847 onde foi premiado com uma medalha de terceira classe. Este trabalho foi visto como uma síntese do movimento Neo-Grec, a junção de Neoclassicismo, Neorrenascença com influências da antiga arte grega, estilo que havia se

formado fora do estúdio de Gleyre (tal como Henri-Pierre Picou (1824–1895) e Jean-Louis Hamon) e foi defendida pelo influente crítico francês Théophile Gautier. (fr.wikipedia.org)

Esta obra se encontra no Museu d'Orsay e figura ao lado de outra importante manifestação sobre a briga de galos: é a estátua "Vainqueur au combat de coqs" (o vencedor da briga de galos), de Alexandre Falguière. Nestes casos a prática deve ser compreendida como um metáfora para o amor e a paixão, muito provavelmente em um sentido épico ou trágico. Ou seja, a briga entre dois galos é uma luta pelo domínio de um espaço e das fêmeas, somente o galo vencedor terá esse espaço. Para o homem, ao mostrar isso a jovem, talvez esteja querendo dizer que ele também luta por um espaço, que seria o amor da moça. Porém ele está na luta, tanto com a possibilidade de vencer ou perdê-la, e assim como os galos tanto a vitória quanto a derrota são gloriosas, pois eles não desistirão jamais deste objetivo, somente a morte os impedirá de tal façanha.

Existem ainda muitas outras referências imagéticas as brigas de galos, sobretudo na Ásia, que, como já dito no início, é o lugar onde a rinha de galos demonstra as suas mais antigas evidências, e o berço das mais várias raças de galos combatentes. Nesse continente a rinha ainda é uma das diversões mais difundidas em vários locais, principalmente no sul e sudeste asiático, como ocorre em Bali e foi bem descrito pelo antropólogo Clifford Geertz. Mesmo assim ainda encontrarmos a caricaturização da prática naquele continente sendo associada à barbárie, a pobreza ou ao terceiro mundismo, como é possível encontrar em alguns filmes. Não obstante, encontramos definição bastante semelhante na nossa própria cultura, em demonstrar algumas práticas como ofício de marginalizados ou de classes subalternas. Isso depende muito das percepções do observador, quando esse observador é de tendências conservadoras ou liberais, suas definições tomam forma em preconceito moralista, autoritário, e repressor das práticas populares, quando esse observador é dito libertário ou de esquerda, geralmente, suas conclusões não transpõem a barreira em explicar a prática como consequência das "faltas de condições" do povo, crendo que a educação e a distribuição de renda resolveriam "o problema", desconsiderando muitas vezes as representatividades simbólicas em detrimento a certos paradigmas, podendo, dessa forma, também ser um equívoco.

A rinha de galos não se restringe aos países pobres ou em

desenvolvimento, ou a determinada camada social. Sem dúvida, entretanto, as condições financeiras influenciam na maneira como se dão as rinhas, existem rinhas para as determinadas condições financeiras de cada galista. E, apesar de ilegal em vários países, inclusive os de primeiro mundo, muitos continuam a criar e brigar galos. Dificilmente poderíamos supor que o fazem somente por prazer, para maltratar animais, por não terem o que fazer ou para enfrentar a legislação estatal. Por isso, o que presenciamos é o dominar de representações que as constituem e fazem crer que são formas ou práticas abomináveis, em desacordo com os padrões de comportamento humano, e o que as imagens tem a nos propor é exatamente o contrário disso. Além de percebermos que possuem uma história, bastante extensa, porém com pouca documentação, nos indicam outro tipo de relação com mundo, outros tipos de representações através de um mesmo objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. 244p.

ELIAS, Francisco. *Galos de Briga e Brigas de Galos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: (sem editora), 1978.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 332 p.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 13ª ed. Campinas: Papirus, 2007. 152 p.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*: São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 119 p.

SCOOT, George Ryley. *The History of Cockfight*. 50ª ed. Midhurst – West Sussex: Beech Publishing House, 2009. 221 p.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ULLAH, Nadem. *History of Aseel*. Gujrat, Paquistão. Disponível em: <<http://www.aseellovers.20m.com>> Acesso em: 22 jan. 2009, 23:12:55

WIKIPEDIA. *Combat Du Coqs*. Disponível em:

<http://fr.wikipedia.org/wiki/Combat_de_coqs > Acesso em: 13 mai. 2009, 02:15:30

IMAGENS

Combat de coqs, Jean-Léon Gérôme. Disponível em: <fr.wikipedia.org> Acesso em: 22 fev. 2009, 23:15:30.

Pelea de gallos en la Guerra Civil americana. Espanha. Disponível em: <www.droblo.es> Acesso em: 28 fev. 2009, 15:15:00.

The Cock. A man courts a youth with the gift of a fighting cock. Ashmolean Museum, Oxford, Inglaterra. Disponível em: <www.gay-art-history.org> Acesso em: 28 abr. 2009, 17:20:00.

The Cockfight Mosaic. Disponível em: <www.trekearth.com> Acesso em: 10 jun. 2009, 14:50:00

ULLAH, Nadem. *History of Aseel*. Gujrat, Paquistão. Disponível em: <<http://www.aseellovers.20m.com>> Acesso em: 22 jan. 2009, 23:12:55.